



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Família, escola e mídia: um campo com novas configurações¹

Maria da Graça Jacintho Setton
Profa. Dra Faculdade Educação - USP
dezembro de 2001

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a particularidade do processo de socialização contemporâneo. Para desenvolver este argumento vou me apoiar na idéia de que as instâncias tradicionais da educação - família e escola - partilham com as instituições midiáticas uma responsabilidade pedagógica. Identificando uma nova configuração no campo da socialização, busco uma perspectiva relacional de análise entre estas instâncias a fim de apreender a especificidade do processo de construção da identidade do sujeito na atualidade.

Palavras chaves: socialização, mídia, identidade social

Introdução

A contemporaneidade caracteriza-se por ser uma era em que a produção de bens culturais, a circularidade da informação ocupa um papel de destaque na formação moral, psicológica e cognitiva do homem. Trata-se de uma nova ordem social regulada por um universo cultural amplo e diversificado, embora fragmentado. Convivemos em uma formação social cujo paradigma cultural mundializado constitui-se em uma realidade inexorável.

No caso do Brasil, mais especificamente, desde os anos setenta, a sociedade vem convivendo com a realidade dos meios de comunicação de massa de maneira intensa e profunda. Pouco letrada e urbanizada, em algumas décadas, a população brasileira viu-se imersa em uma *Terceira Cultura*, como diria Edgar Morin, - a cultura da comunicação de

¹ Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

massa - que se alimenta e sobrevive à custa das culturas de caráter humanista - nacional, religiosa e escolar (Morin,1984).

À medida que os debates educativos se aproximam da especificidade das transformações culturais do mundo moderno eles se abrem para o caráter interdisciplinar das questões educacionais. A escola como instituição, seus currículos, professores e profissionais da educação em geral, não podem deixar de preocupar-se com as peculiaridades da prática educativa contemporânea. Ou seja, a educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica. Para o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações. Em uma situação de modernidade, faz-se necessário problematizar as relações de interação, conflitivas ou harmoniosas, entre os espaços socializadores e agentes socializados.

Embora com diferentes propostas pedagógicas é possível identificar um ponto em comum entre as instâncias distintas e heterogêneas de socialização. Tendem “*formar*”, buscam modelar a estrutura de pensamento dos indivíduos ao difundir uma concepção de mundo a partir de uma gama variada de formas simbólicas (Lahire,1998;Fischer,2001).

O processo de socialização pode ser considerado então como um espaço plural de múltiplas relações sociais. Pode ser considerado como um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis. Portanto, o processo de socialização deve ser compreendido como um fenômeno histórico complexo e temporalmente determinado.

Embora não seja apropriado conceber um modelo único de família, de escola e/ou de mídia é possível considerar que cada uma dessas instituições pauta-se por propósitos e princípios distintos. Ou seja, por possuírem naturezas específicas, são responsáveis pela produção e difusão de patrimônios culturais diferenciados entre si. É pois necessário identificar a configuração, o arranjo particular entre elas, em uma perspectiva antropológica, para se apreender experiências específicas de socialização.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Este artigo tem como objetivo discutir parte de algumas críticas a respeito do caráter manipulador dos discursos midiáticos, da capacidade da mídia transmitir valores e referências culturais positivas. Identificando uma certa resistência em pensar o fenômeno midiático constituído por várias dimensões grande parte das análises acabam por fetichizar os discursos veiculados pela cultura de massa. Thompson (1995), já alertou para a necessidade de relativizar as mensagens propostas. Para este autor, não são todos os discursos ideológicos. É preciso contextualizar sua produção, difusão e recepção.

É comum também observar generalizações sobre os efeitos causados pela difusão indiscriminada de valores e informações veiculadas, esquecendo-se da complexidade do processo de apropriação das mensagens por parte dos sujeitos sociais. Mais do que isso, grande parte da crítica midiática dando apenas ênfase à dimensão da produção, esquecem de considerar a variabilidade dos contextos e ambientes em que circulam os receptores das mensagens. Pouco problematizando as tensas relações entre as várias instâncias produtoras de bens e valores culturais, acabam por reduzir os indivíduos em meros receptáculos de idéias, meros consumidores de cultura mercantilizada. A perspectiva da homogeneidade cultural há muito deixou de ser produtiva para a discussão do fenômeno da cultura de massa. A segmentação do mercado, a diversidade de *habitus* e estilos de vida, ou seja a variedade de usos e apropriações das mensagens parece ser mais adequada para se pensar a realidade do consumo midiático.

Minha intenção aqui é chamar atenção para a complexidade do processo de socialização do mundo contemporâneo, enfatizando a relação de interdependência entre as instâncias responsáveis por este processo. Creio que é a pertinência desta abordagem encontra-se no fato de que ela permite fugir das generalizações, permite evitar a absolutização das influências, permite romper com os determinismos e a inexorabilidade dos males midiáticos.

Uma proposta de análise

Esta reflexão tem intenção analisar as relações entre as instâncias de socialização do mundo contemporâneo - família, escola e mídia. O interesse é entender o processo de socialização a partir da emergência de uma nova configuração cultural, onde o processo de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

construção das identidades sociais passa a ser mediado pela *coexistência* de distintas instâncias produtoras de valores e referências culturais.

Proponho considerar a família, a escola e a mídia no mundo contemporâneo, como instâncias socializadoras que coexistem numa relação de *interdependência*. Ou seja, são instâncias que *configuram*, uma forma permanente e dinâmica de relação. Não são estruturas reificadas ou metafísicas que existem acima e por cima dos indivíduos (Elias,1970)². São instituições constituídas por sujeitos em intensa e contínua interdependência entre si e, portanto não podem ser vistas como estruturas que pressionam umas às outras, mas instâncias constituídas por agentes que se pressionam mutuamente no jogo simbólico da socialização.

Como é possível apreender que essas instâncias, devido à sua interdependência e ao modo como as suas ações educativas e experiências pedagógicas se interpenetram formem um tipo de configuração? Proponho identificar o arranjo variado, a relação de forças e equilíbrio entre elas a partir da experiência de socialização de sujeitos particulares.

O conceito de configuração aqui utilizado serve como um instrumento conceptual e didático que tem como intenção romper com a idéia de que as instituições socializadoras e seus agentes sejam antagônicos. Salientar a relação de interdependência das instâncias/agentes da socialização, condição para coexistirem enquanto configuração, é uma forma de afirmar que a relação estabelecida entre eles pode ser de aliados ou de adversários. Podem ser relações de continuidade ou de ruptura. Podem então determinar uma gama variada de experiências de socialização.

Pensar as relações entre a família, a escola e a mídia a partir do modelo de configuração é analisar estas instituições sociais em uma relação dinâmica criada pelo conjunto de seus integrantes, seus recursos e trajetórias particulares. No entanto, não é uma relação dinâmica entre subjetividades, mas uma dinâmica criada pela relação que esses sujeitos constróem na totalidade de suas ações e experiências, objetivas e subjetivas, que mantêm uns com os outros.

² A opção por salientar algumas palavras em itálico tem a intenção de marcar a apropriação dos conceitos segundo a leitura de Norbert Elias.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A metáfora do jogo, embora imperfeita, é bastante produtiva para exemplificar a dinâmica das configurações entre as agências/agentes da socialização. Ou seja, ao usá-la é como se as pressões ou coações que as instâncias sofressem umas em relação às outras fossem pressões que têm origem na relação de interdependência, no jogo de ação e reação entre seus agentes (Elias,1970).

É necessário salientar pois um certo equilíbrio de forças entre as instâncias socializadoras no mundo contemporâneo pois a interdependência funcional entre elas é uma condição para o exercício e continuidade do processo de socialização dos sujeitos. Pensar as relações entre a família, a escola e a mídia (e seus agentes) a partir do conceito de configuração é buscar compreender o equilíbrio de poder entre elas, é entender o poder (enquanto relação) como uma característica estrutural das relações entre grupos e instituições (Elias, 1970). Assim seria pertinente perguntar, quais os recursos de cada uma delas (e de seus agentes), quais os “*poderes*” constitutivos destes espaços de socialização responsáveis pelo equilíbrio de força nesta configuração? É neste sentido que proponho identificar os arranjos particulares, as vivências específicas de sujeitos singulares.

Para concluir, uma contextualização temporal e histórica é necessária para se apreender o jogo de forças entre os parceiro/ou adversários, um em relação a outro. Analisar a relação de coexistência das instâncias/agentes socializadores a partir da idéia de equilíbrio conjuntural é conveniente pois me leva a apreender as relações funcionais que eles mantêm entre si. Ou seja, permite apreender as relações singulares e particulares de diferentes configurações de força entre sujeitos e instituições, tal como as variações do desenho de um caleidoscópio.

Apreendendo as relações

A herança familiar

Grosso modo, no contexto do processo de socialização, pode-se considerar a família a partir de dois enfoques. O primeiro deles refere-se à abordagem psicológica. Ou seja, a família como espaço de relações identitárias e de identificação afetiva e moral (Berger&Luckman,1983). É possível nesta abordagem observar ainda as relações de



autoridade, as hierarquias internas a partir dos modelos geracionais ou de gênero. É neste espaço de convivência sanguínea e afetiva que se modela uma subjetividade, que se toma contato com as primeiras formas simbólicas de integração social (Singly, 2000a, 2000b, Dubar, 2000). Inicialmente tomados como absolutos os valores familiares são os mais permanentes em todo o processo de socialização.

A família também pode ser considerada como responsável pela transmissão de um patrimônio econômico e cultural (Bourdieu, 1998, 1999). É nela que a identidade social do indivíduo é forjada. De origem privilegiada ou não, a família transmite para seus descendentes um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso. Não obstante, mais do que os volumes de cada um destes recursos cada família é responsável por uma maneira singular de vivenciar este patrimônio (Lahire, 1997; 1998). Assim é, necessário observar as maneiras de usar, de relacionar-se com a cultura, enfim as oportunidades de um trabalho pedagógico de transmissão cultural, moral e ético de cada ambiente familiar.

Fenômeno universal é possível afirmar que a família é uma instituição que evolui conforme as conjunturas sócio culturais. Não é um agente social passivo. Sua história recente revela um poder de adaptação e uma constante resistência frente as mudanças em cada período. Tem uma profunda capacidade de interagir com as circunstâncias e conjunturas sociais contribuindo fartamente para definir novos conteúdos e sentidos culturais (Saraceno, 1988). Se nos séculos XIX e XX foi comum falar sobre a crise da família, na década de 90 emerge a concepção da família contemporânea forte e resistente. Novos modelos de convivência familiar apontam para uma nova configuração entre seus membros. A tendência atual é analisar as relações de convivência, os sentimentos, as representações sobre casais e filhos em situação de igualdade (Singli, 2000; Segalem, 1999^a, Segalem, 1999^b; Figueira, 1992).

Neste contexto de transformação, a autoridade familiar como primeira forma de respeito a uma instância ligada à tradição vem sendo questionada. A reestruturação familiar consequência da reorganização dos papéis é responsável por um período de redefinição das posições de autoridade. O modelo familiar já há algumas décadas vive transformações



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

graduais, mas extremamente profundas, dado que a inserção da mulher no mercado de trabalho, o aumento dos níveis de separação de casais contribuem para a emergência de um novo padrão de convivência e referências identitárias. Estariam os jovens igualmente sujeitos às experiências paternas e maternas no contexto contemporâneo? Ou estas transformações fragilizariam as estruturas familiares abrindo brechas para novas experiências de socialização?

Considerando a família como um importante elemento na determinação dos destinos pessoais e sociais, nas trajetórias educacionais e profissionais dos sujeitos é preciso estar atenta para a heterogeneidade de configurações familiares, a diversidade de recursos e posicionamentos sociais bem como a diversidade de comportamentos e relações que podem estabelecer com as outras instâncias socializadoras.



A socialização escolar

Com poucas discordâncias, desde as reflexões de Durkheim (1947) até hoje (Nóvoa,1991), a escola sempre foi vista como responsável pela transmissão de um saber consagrado como útil para a manutenção de uma ordem estrutural baseada na divisão do trabalho social. No passado, a escola sempre apresentou a tendência de introduzir barreiras entre seus níveis e respectivos públicos (Goblot,1984). Ambígua por natureza, a escola é responsável também pela expansão do acesso ao conhecimento ao mesmo tempo que pode contribuir para o fortalecimento de saber restrito para poucos (Bourdieu, 1998).

Atualmente, considerando uma realidade mais contemporânea, é possível identificar uma complexidade maior no interior do sistema escolar (Dubet,1996). A escola para as massas não mais propaga uma coerência em seus projetos educativos. Se anteriormente a escola era regulada de maneira muito firme, com públicos e projetos educativos homogêneos, hoje a diversidade de expectativas e aspirações dos estudantes, mesclam-se com a heterogeneidade das propostas educativas de escolas e professores. A massificação escolar modificou a forma de distribuição das qualificações. Embora, oficialmente, todos tenham acesso a ela, as trajetórias estudantis, os usos do saber escolar variam de acordo com as experiências de vida - familiar, escolar e midiática - dos indivíduos (Lahire,1997;1998). Ainda que ofereça os meios de se referir às regras, aos preceitos, ou seja às prescrições legítimas do conhecimento, o sistema escolar contemporâneo caracteriza-se por uma contraditória hierarquia interna (Bourdieu,1998).

Desta forma, a escola não mais se apresenta como eixo organizador de experiências; reflete, em seu interior, uma complexidade de interesses intra e extra escolar (Dubet,1996). Não responde mais ao projeto integrador de Durkheim (1995). Não consegue conciliar as suas antigas funções de educar (transmitir valores), selecionar (qualificando distintamente o público) e socializar (adaptá-los a uma realidade social). Não deixando de ser uma instituição do saber e da produção do conhecimento, a escola perde seu papel organizador, pois não detém mais o monopólio das referências identitárias (Dubet,1996). Sujeita a uma variedade de público e pouco preparada para enfrentar os desafios que cada um deles lhe



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

propõe, a escola se enfraquece enquanto agência da socialização, responde e serve de forma fragmentada às expectativas diferenciadas de seu público.

A socialização descontextualizada

As instâncias midiáticas de socialização são por definição multiformes. Fenômeno recente, a cultura de massa é responsável pela circularidade de uma gama variada de imagens, códigos e conteúdos que se organizam coerentemente na forma de um sistema integrado de símbolos interdependentes aos valores escolar e familiar (Morin,1983). Todavia proponho pensar o fenômeno da cultura de massa a partir de três dimensões - a produção, a recepção e a difusão (Thompson,1995) na medida em que essas dimensões contribuem para refletir sobre o processo de socialização no mundo contemporâneo.

Grosso modo, por produção entendo todo o aparato técnico, o conteúdo das mensagens e os recursos humanos que estão envolvidos com a criação midiática. Ou seja, é a produção de símbolos, discursos e imagens das instituições e agentes de um determinado contexto cultural. Em síntese, é possível pensar a criação cultural específica da era da comunicação de massa a partir de um modelo sistêmico e coerente de administração que obedece à racionalidade da acumulação capitalista (Adorno&Horkheimer,1996). Competitividade e lucro são as palavras de ordem da engrenagem. Contudo, se ainda hoje, o grande paradigma sobre a dimensão produtiva da indústria cultural é a perspectiva frankfurtiana da homogeneização da cultura e do carácter ideológico de suas mensagens, aos poucos, ela vem perdendo espaço para as teorias da recepção.

A partir dos anos sessenta, vê-se a emergência dos estudos que relativizam o carácter manipulador da cultura de massa introduzindo o debate sobre certas formas de resistência (Hoggart,1976; de Certau,1994). Mais recentemente, vários estudiosos (Barbero 1997; Canclini, 1998) salientam ainda a capacidade dos sujeitos apropriarem-se das mensagens, construir sentidos particularizados ao consumirem as mercadorias simbólicas. Além disso, desenvolveu-se certo consenso de que as formas simbólicas midiáticas não são necessariamente ideológicas. Ao contrário, seria preciso observar as maneiras em que os sentidos são mobilizados para reforçar e criar situações de dominação. Os estudos de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

recepção salientam ainda que a apropriação dos bens culturais midiáticos é um processo complexo que envolve uma atividade contínua de interpretação e assimilação do conteúdo significativo a partir das características de uma experiência socialmente estruturada de indivíduos e grupos particulares (Thompson,1995). Assim é possível pensar que a noção de recepção não dimensiona o trabalho de apropriação e de construção efetuado pelos indivíduos, não explora a inevitável transformação de sentidos do processo de transmissão; não consegue conceber as freqüentes situações em que algo se transmite ou se constrói sem que alguma intenção pedagógica tenha sido visada (Lahire, 1997;1998). Neste contexto, a configuração de forças entre as instâncias família e escola, síntese de experiências passadas do indivíduo, torna-se fundamental para se refletir sobre os poderes midiáticos no processo de construção de suas identidades.

Por último, sabe-se que a cultura de massa ao circular informação e entretenimento transmite também valores e padrões de conduta diversificados. Considerar o caráter pedagógico da cultura de massa, é salientar que a ampla circularidade dos bens culturais juntamente com a difusão das informações contribuem para o surgimento de novas formas de interação educativa (Giddens,1994). É possível pensar os sujeitos sociais podendo orientar suas práticas e ações, podendo refletir sobre a realidade, construí-la e experimentá-la a partir de outros parâmetros que não sejam mais exclusivamente locais, presentes na escola e na família. Assim, as trajetórias individuais e coletivas não seriam mais definidas, traçadas e vividas apenas a partir de experiências próximas no tempo e no espaço. Ao contrário. Os sujeitos teriam contatos, seriam atingidos por modelos e referências produzidos em contextos fisicamente distantes e dispersos. É possível pois, identificar a orientação das práticas estimuladas por referências identitárias pulverizadas mas apropriadas por cada um, numa configuração única, sujeita aos condicionamentos sociais, às experiências vivenciadas no universo familiar e escolar, produto da interdependência entre as agências da socialização.

Considerações finais



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para compreender o processo de socialização contemporâneo propus reconstruir a rede de interdependências entre família, escola e mídia. Esta perspectiva permite apreender parte do processo de constituição das disposições sociais identitárias, parte da construção dos esquemas mentais e comportamentais dos sujeitos.

A opção por uma perspectiva micro estrutural de análise, busca resgatar uma abordagem dos processos de construção das referências identitárias via uma rede de relações e interações entre as instâncias da socialização contemporânea. É possível assim evitar a absolutização das influências de cada uma delas a partir de um modelo relacional. Buscar respostas homogeneizadoras e generalizantes, parece redundar em falsas buscas.

Se a família, a escola e a mídia podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por relações sociais específicas, os produtos da socialização - ou seja, os sujeitos, suas práticas e escolhas - podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor ruptura e/ou continuidade entre estas instâncias.

É necessário pois, enquanto método, construir configurações particulares, combinações específicas entre uma multiplicidade de traços gerais entre os agentes socializadores.

Assim, minha intenção, ao longo do texto, foi apresentar os princípios básicos que explicitam a lógica *relacional* da noção de configuração, tendo como motivação compreender um novo campo de interações entre as instâncias da socialização.

Em seguida, apontando os elementos que apresentam a realidade contemporânea dos espaços de socialização tradicionais, dei ênfase as recentes transformações ocorridas, podendo perceber que grande parte destas transformações deriva das relações de interdependência entre estas instâncias - família e escola - e a emergência da cultura de massa.

A abordagem microsociológica, esta perspectiva do singular proposta, permite observar mais atentamente a variedade infinita de configurações das instâncias socializadoras responsáveis pela produção de disposições sociais identitárias. Este olhar tenta romper com as análises que interpretam as experiências individuais generalizando-as, tenta rediscutir as afirmações simplistas da falência das instituições tradicionais da



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

socialização ou da força inexorável das instâncias midiáticas. O que se propôs foi salientar uma variedade muito grande de configurações familiares que por sua vez se entrelaça com uma heterogeneidade quase infinita de projetos escolares, ambos emersos em uma ordem cultural plural e mundializada (Ortiz,2000).

Assim, não é mais possível deixar de observar a composição de um novo campo da socialização em processo. É preciso pois, focalizar melhor a variedade de configurações particulares, combinações de equilíbrio específicas entre uma multiplicidade de traços gerais entre os agentes socializadores responsáveis pela construção de sujeitos em formação.

Bibliografia citada

- Adorno, T.& Horkheimer M.** (1996), *Dialética do esclarecimento*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro.
- Barbero, J.Martin,**(1997), *Dos meios às mediações*. Ed. UFRJ. Rio de Janeiro.
- Berger, P. & Luckmann T.** (1983), *A construção social da realidade*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro.
- Bourdieu, Pierre** (1998), *Escritos de Educação*. org. Nogueira&Catani. Ed. Vozes.
(1999), *A miséria do mundo*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro.
- Canclini, Néstor G.** (1999), *Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização*. Ed. UFRJ.
- Certau, M. de,** (1994), *A invenção do cotidiano - artes de fazer*. D. Vozes, Petrópolis.
- Durkheim, Emile** (1947), *La education moral*. Ed. Losada S.A .Buenos Aires.
(1995), *A evolução pedagógica*. Artes Médicas. Porto Alegre.
- Dubar, Claude** (2000), *La socialisation*. Armand Colin. Paris.
- Dubet, François** (1996), *Sociologia da Experiência*. Ed. Instituto Piaget. Lisboa
- Elias, Norber** (1970), *Introdução à Sociologia*. Edições 70. Lisboa.
- Figueira, Sérvulo A.** –(1992) “A família de classe média atual no Rio de Janeiro: algumas considerações”. In *Psicologia USP – Família e Educação* – vol. 3 número ½ -.
- Fischer, Rosa Maria B.** (2001), *Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação da cultura*. In Texto apresentado na 24 ANPED. Caxambu.
- Giddens, Anthony.**(1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*. Ed. Celta. Oeiras. Portugal.
- Hoggart, Richard** (1976), *As interpretação das culturas*. Lisboa
- Lahire, Bernard** (1998), *L’homme pluriel*. Nathan. Paris.
(1997), *Sucesso Escolar nos meios populares - as razões do improvável*. Ed. Ática. SP.
- Morin, Edgar** (1984), “A Integração Cultural”. In *Cultura de Massas no Século XX – O espírito do tempo. 1 – Neurose* . Ed. Forense Universitária – Rio de Janeiro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Nóvoa, Antônio, (1991), “Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente”. In *Teoria e Educação*, número 4.

Ortiz, Renato (1988), *A moderna tradição brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*. Ed. Brasiliense. SP.

(2000), *O próximo e o distante - Japão e modernidade mundo*. Ed. Brasiliense. SP.

Saraceno, Chiara (1988), *Sociologia da família*. Ed. Estampa. Lisboa.

Segalem, Martine e &(1999^a), *História da família*. Quarto volume. Terramar. Lisboa.

(1999b), *Sociologia da família*. Terramar. Lisboa.

Singly, François (2000^a) *O eu, o casal e a família*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.

(2000b), *Família e individualização*. Ed. FGV. Rio de Janeiro.

Thompson, J.B, (1995), *Ideologia e Cultura Moderna*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro.